

Comportamentos Aditivos e Margens.

Exclusão, visibilidade, intervenção



REPÚBLICA
PORTUGUESA
SAÚDE



SNS SERVIÇO NACIONAL
DE SAÚDE



ICAD

Instituto para os Comportamentos
Aditivos e as Dependências, I.P.

AS OPINIÕES EXPRESSAS NOS DIFERENTES
CAPÍTULOS VINCULAM APENAS OS RESPETIVOS
AUTORES E NÃO REFLETEM NECESSARIAMENTE A
POSIÇÃO OFICIAL DO ICAD

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Comportamentos Aditivos e Margens. Exclusão, visibilidade, intervenção

COORDENAÇÃO

Vasco Calado

COLABORAÇÃO

Adriana Curado; Alexsander Duarte, Ana Bárto, Ana Guerreiro, Ana Neto, Andrea Pinto, Andreia Nisa, Bárbara Xavier, Cátia Martins Castro, Cristiana Vale Pires, Daniela Carvalho, David Dias Neto, Emília Simão, Filipe Couto Gomes, Hélder Rego Fernandes, Helena Valente, Inês Armelim, Isabel S. Silva, João Mendes Coelho, Lúcia Canha Fernandes, Maria Gabriela Tomaz, Maria Luísa Salazar, Olga S. Cruz, Patrícia Paula Lima, Paulo Vitorino Fontes, Renata Monteiro, Sandra Carvalhinho

GRAFISMO

ICAD, IP / Gabinete de Tecnologias e Sistemas de Informação

CAPA

Foto de Luís Martins Pisco

EDITOR

Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.

MORADA

Parque de Saúde Pulido Valente. Alameda das Linhas de Torres, 117, Edifício ICAD, 1750-147 Lisboa

EDIÇÃO

Outubro 2025

ISBN

978-989-36386-4-4

Comportamentos Aditivos e Margens.

Exclusão, visibilidade, intervenção

ÍNDICE

Notas biográficas _____	7
Preâmbulo _____	13
Introdução: comportamentos aditivos à margem _____	15
1. Da invisibilidade à presença: estudo exploratório com pessoas nepalesas que usam drogas em Lisboa _____	19
Introdução _____	21
Enquadramento teórico _____	21
Metodologia _____	23
Resultados _____	24
Discussão _____	30
Limitações do estudo _____	30
Conclusão _____	31
Referências bibliográficas _____	32
2. A perturbação de uso de álcool em refugiados _____	33
Introdução _____	35
Prevalência de PUA em refugiados _____	36
PUA: o paradoxo de uma resposta adaptativa disfuncional _____	36
Vulnerabilidade nos percursos migratórios _____	38
O papel determinante do período pós-migratório _____	39
Outros fatores de risco para PUA em refugiados _____	40
Cultura, estigma e limites da prática clínica _____	40
Aspetos culturais na PUA _____	42
Intervenções culturalmente sensíveis _____	43
Considerações finais _____	45
Referências bibliográficas _____	46
3. Exclusão habitacional, saúde mental e as Novas Substâncias Psicoativas _____	49
Introdução _____	51
Exclusão habitacional: conceitos, fatores e níveis de análise _____	52
Exclusão habitacional e Saúde mental _____	53
Comportamentos aditivos e as Novas Substâncias Psicoativas (NSP) _____	57
Comentários finais _____	62
Referências bibliográficas _____	66
Anexo _____	68
4. Consumo de substâncias psicoativas em mulheres em contexto de privação de liberdade _____	69
Introdução _____	71
O consumo de substâncias psicoativas em contexto prisional feminino _____	72
Metodologia _____	73
Apresentação e Análise dos Resultados _____	74
Discussão _____	81
Conclusões _____	82
Referências Bibliográficas _____	83
5. Características e dinâmicas do tráfico de drogas em Portugal: um estudo descritivo com base na análise do processo judicial Malha Branca _____	85

Introdução	87
Método	90
Resultados	91
Discussão	94
Referências bibliográficas	98
6. Chemsex em Portugal. Caracterização, desafios e intervenção	101
Introdução: o que é o chemsex?	103
Caracterização das práticas de chemsex em Portugal	104
Intervenção junto de pessoas que praticam chemsex	107
Conclusão	110
Referências bibliográficas	112
7. Estados alterados e a comunhão sensorial: os usos de substâncias psicoativas em eventos de Psytrance	115
Introdução	117
Conclusão	126
Referências bibliográficas	127
8. A apreensão de saberes a partir da «performance da escuta»: um estudo de caso em Portugal no contexto ritual da Ayahuasca	131
Introdução	133
Sobre a pesquisa de campo	134
Aportes teóricos	134
Fonograma como mensageiro	136
Arquivos de Saberes	138
Roteiro para a Escuta	141
Pesquisa de Campo	143
Mapa da Sessão	143
Breve Relato I (primeiro autor)	144
Breve Relato II (segundo autor)	145
Considerações finais	147
Referências bibliográficas	148
9. A importância do género em perfis psicológicos de jogadores de videojogos	151
Introdução	153
Género e representação	153
Pessoas não-binárias nos espaços digitais do gaming	154
Mulheres nos eSport	155
Uso problemático de videojogos	156
Caracterização dos espaços digitais de gaming	158
Conclusão	160
Referências bibliográficas	162

NOTAS BIOGRÁFICAS

ADRIANA CURADO [capítulo 1]

Atualmente é especialista na área da Redução de Danos e investigadora comunitária no Grupo de Ativistas em Tratamentos, em Lisboa. Tem experiência na conceptualização e implementação de programas de Redução de Danos dirigidos a utilizadores de elevado risco. Participou na implementação do programa de consumo vigiado móvel em Lisboa e foi representante do GAT no Fórum da Sociedade Civil sobre Drogas da Comissão Europeia. Tem formação em Psicologia e Saúde Pública.

ALEXSANDER DUARTE [capítulo 8]

Licenciado em Música pela Universidade Federal de Ouro Preto/BR e Doutor em Etnomusicologia pela Universidade de Aveiro/PT, é Professor Adjunto na Universidade Federal do Pará/BR, Campus Belém. Como músico e etnomusicólogo, suas atividades incluem a produção de concertos, CDs, documentários etnográficos, artigos, livros, capítulos de livros e partituras.

ANA BÁRTOLO [capítulo 4]

Licenciada em Psicologia, Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde e Doutorada em Psicologia pela Universidade de Aveiro. É docente universitária na Universidade Portucalense, membro integrado do CINTESIS.UPT@RISE-Health e membro colaborador do INSIGHT: Centro de Investigação Piaget para o Desenvolvimento Humano e Ecológico. Colabora em diversos projetos de investigação e intervenção focados na promoção da saúde e qualidade de vida em diversos contextos comunitários.

ANA GUERREIRO [capítulo 5]

Doutorada em Criminologia pela Faculdade de Direito da Universidade do Porto (FDUP). Professora Auxiliar na Universidade da Maia e Professora Auxiliar Convidada na FDUP, é investigadora integrada no Centro Interdisciplinar em Estudos de Género (CIEG, ISCSP-UL) e membro colaborador no Centro de Investigação Interdisciplinar em Justiça (CIJ, FDUP). Entre os seus principais tópicos de investigação destacam-se a criminalidade feminina, a criminalidade violenta e organizada e os estudos de *sentencing*.

ANA NETO [capítulo 2]

Licenciada em Medicina, especialista em Psiquiatria e Competência em Adictologia Clínica. Tem formação em Psiquiatria Transcultural na Universidade McGill no Canadá. Entre 2016 e 2019, exerceu funções clínicas no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa e entre, 2019 e 2025, na Unidade de Alcoologia de Lisboa (UAL, ICAD). Trabalha na Unidade de Adições do Hospital Lusíadas Alfragide. Participou em projetos de intervenção na área da Saúde Mental e Comportamentos Aditivos e Dependências com Migrantes e Refugiados na área da Grande Lisboa. É assistente convidada da Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Lisboa.

ANDREA PINTO [capítulo 4]

Licenciada em Psicologia pelo Instituto Piaget – ISEIT de Viseu. É membro do SI-PSI – Programa de Iniciação Científica para Estudantes de Psicologia do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Viseu (ISEIT/Viseu).

ANDREIA NISA [capítulo 4]

Licenciada em Direito, Pós-Graduada em Direito Penal Económico e Europeu e Mestre em Ciências Jurídico-Criminais pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. É também Licenciada em Psicologia pelo Instituto Piaget – ISEIT, em Viseu, e membro colaborador do INSIGHT: Centro de Investigação Piaget para o Desenvolvimento Humano e Ecológico. É coordenadora de diversos projetos de intervenção comunitária (beSafe Viseu, inPAR, inTEGRA) e colabora em projetos de investigação e intervenção no âmbito da promoção da saúde e da qualidade de vida.

BÁRBARA XAVIER [capítulo 4]

Licenciada em Psicologia e Mestre em Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Formadora certificada. Pós-Graduada em Arte-terapia e Waking Dream Therapy e Crise Emergência e Catástrofe. Professora de yoga pela FPY. Trabalha como professora de yoga e psicóloga em projetos locais, nomeadamente o inPAR e o inTEGRA. Colabora com associações e grupos informais de intervenção social.

CÁTIA MARTINS CASTRO [capítulo 9]

Psicóloga clínica e Doutoranda no ISPA – Instituto Universitário e no APPsyCI – Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion. Investiga dependências comportamentais sem substância – uso problemático de videojogos e saúde mental digital. Integra o Communication Committee e o Women in Addiction Interest Group (WAIG) do ISAM – International Society of Addiction Medicine.

CRISTIANA VALE PIRES [capítulo 6]

Licenciada em Psicologia, Mestre e Doutorada em Antropologia. É membro fundador da Kosmicare onde colabora como coordenadora de projetos nacionais e internacionais e diretora clínica do serviço de apoio psicológico e redução de riscos. Colabora como investigadora com o Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa (UCP) e com a Universidade da Islândia (RIKK). É professora auxiliar convidada na Faculdade de Educação e Psicologia da UCP. Tem colaborado com a EUDA e com o Grupo Pompidou do Conselho da Europa no desenvolvimento de abordagens responsivas ao género e à diversidade na área das drogas.

DANIELA CARVALHO [capítulo 4]

Licenciada em Psicologia pelo Instituto Piaget – ISEIT de Viseu. É membro do SI-PSI – Programa de Iniciação Científica para Estudantes de Psicologia do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Viseu (ISEIT/Viseu).

DAVID DIAS NETO [capítulo 9]

Professor auxiliar no ISPA – Instituto Universitário e investigador do APPsyCI – Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion. Foi presidente (2017-20) do Conselho de Especialidade de Psicologia Clínica e da Saúde da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Publicou vários artigos e livros nas áreas de investigação em Psicoterapia, Psicologia Clínica e da Saúde e Psicopatologia.

EMÍLIA SIMÃO [capítulo 7]

Docente de Multimédia e Artes na Universidade Portucalense, investigadora do CIAUD-UPT e CITCEM-UP. É autora de diversas publicações académicas relacionadas com cultura rave e música eletrónica, media arts, ambientes imersivos e estéticas digitais. Doutorada em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, Mestre em Media Arts, em Multimédia e PG em Direção Artística. É coordenadora do ObEMMA_Observatory of Electronic Music and Media Arts e alia a investigação à criação artística.

FILIPE COUTO GOMES [capítulo 6]

Médico psiquiatra, Pós-Graduado em Sexologia e em Psiquiatria Social e Cultural, com prática clínica em Lisboa, focada nas áreas da Adictologia, da Sexologia e da Saúde Mental LGBTQI+, incluindo consulta de saúde mental em centro comunitário de saúde sexual (GAT Intendente) e consulta de avaliação e intervenções breves quanto ao uso de substâncias psicoativas (Kosmicare). Coordena a Consulta DiverGENTE do ICAD, dirigida a pessoas LGBTQ com perturbação de uso de substâncias psicoativas.

HÉLDER REGO FERNANDES [capítulo 3]

Psicólogo com especialidade em Psicologia Comunitária, é Pós-Graduado em Psicoterapias Cognitiva-Comportamentais e possui curso avançado em Adições Químicas e Comportamentais. Intervém junto de pessoas em situação de sem-abrigo há 14 anos. Foi coordenador das Equipas de Rua do Novo Dia – Associação Para Inclusão Social, sendo atualmente coordenador técnico na Instituição.

HELENA VALENTE [capítulo 7]

Especialista em Redução de Riscos, investigadora e avaliadora de projetos de Saúde Pública, Intervenção Comunitária e Inclusão. É membro da direção da Kosmicare, em que supervisiona a avaliação de projetos e desenvolve ferramentas de monitorização e impacto. Doutorada em Psicologia e Pós-Graduada em Direitos Humanos, alia investigação científica à intervenção no terreno.

INÊS ARMELIM [capítulo 4]

Licenciada em Engenharia Química com especialização em Biotecnologia. Com uma forte ligação à cultura e ao impacto social, atua em equipas de Redução de Riscos e Minimização de Danos associados ao consumo de substâncias psicoativas e contexto recreativos. Tem ainda trabalhado em *Data Science*, nomeadamente no tratamento de dados e produção de estudos exploratórios. Tem aliado conhecimento técnico, intervenção comunitária e educação para a saúde.

ISABEL S. SILVA [capítulo 4]

Licenciada em Psicologia e Doutorada em Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. É Coordenadora da Licenciatura em Psicologia e docente no Instituto Piaget – ISEIT de Viseu. É membro integrado do INSIGHT: Centro de Investigação Piaget para o Desenvolvimento Humano e Ecológico. Colabora em diversos projetos de investigação e intervenção psicoeducativa focados na promoção da saúde, qualidade de vida, participação e cidadania ativa.

JOÃO MENDES COELHO [capítulo 3]

Médico Psiquiatra com competência em Adictologia Clínica no Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada e Novo Dia – Associação para a Inclusão Social, aluno de Doutoramento em Medicina na Escola de Medicina da Universidade do Minho e docente convidado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores.

LÍDIA CANHA FERNANDES [capítulo 3]

Investigadora integrada no DINÂMIA'CET-ISCTE desde 2013, colabora com o CICS.NOVA.UAc e CICS.UAc desde 2019. Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores desde 2021. Doutorada em Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdade Social e Sindicalismo (FEUC). Mestre em Psicologia (Universidade do Minho) e em Sociologia (ISCTE).

MARIA GABRIELA TOMAZ [capítulo 4]

Licenciada em Psicologia pela Universidade Clássica de Lisboa e com diversas formações especializadas, incluindo gestão pública e áreas relacionadas ao sistema prisional e reabilitação, tem desenvolvido o seu trabalho na área de Reinserção Social e Justiça. Atualmente é Adjunta para a Área do Tratamento Prisional e Serviços Clínicos, além de ser Substituta do Diretor do Estabelecimento Prisional da Guarda, na Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

MARIA LUÍSA SALAZAR [capítulo 1]

Técnica de Redução de Danos no De Regenboog Groep, em Amesterdão, Países Baixos. Desde 2018 que tem vindo a desenvolver intervenções junto de comunidades de pessoas que usam drogas, pessoas em situação de sem-abrigo, migrantes e trabalhadoras do sexo em equipas de redução de danos. Foi coordenadora do GAT IN Mouraria entre 2022 e 2024. É formada em Serviço Social.

OLGA S. CRUZ [capítulo 5]

Doutorada em Psicologia (especialidade de Psicologia da Justiça), Professora Auxiliar e Coordenadora da Licenciatura em Criminologia da Universidade da Maia (UMaia), e Investigadora no Centro de Investigação em Justiça e Governança da Universidade do Minho (JusGov/ UM). Entre as suas principais áreas de investigação destacam-se os padrões de consumo de substâncias psicoativas e criminalidade associada.

PATRÍCIA PAULA LIMA [capítulo 8]

Licenciada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto/BR, especialização em Educação Ambiental pela Universidade de São Paulo/BR e Doutora em Etnomusicologia pela Universidade de Aveiro/PT. Além da pesquisa e produção executiva na área da cultura, atua como parecerista da Lei Rouanet do Ministério da Cultura do Brasil.

PAULO VITORINO FONTES [capítulo 3]

Doutor em Teoria Jurídico-Política e Relações Internacionais (Universidade de Évora), Licenciado e Mestre em Sociologia pela Universidade dos Açores. É Professor Auxiliar de Ciência Política na Universidade dos Açores desde 2021, dirige o Doutoramento em Teoria Política, Relações Internacionais e Direitos Humanos e é Investigador Integrado no Centro de Estudos Humanísticos (Universidade dos Açores) e no Centro de Investigação em Ciência Política (CICP) da Universidade de Évora.

RENATA MONTEIRO [capítulo 4]

Licenciada em Psicologia pelo Instituto Piaget – ISEIT de Viseu. É membro do SI-PSI – Programa de Iniciação Científica para Estudantes de Psicologia do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Viseu (ISEIT/Viseu).

SANDRA CARVALHINHO [capítulo 4]

Licenciada em Intervenção Sociocultural pelo Instituto Politécnico da Guarda. Pós-graduada em Reinserção e Criminalidade pelo Instituto CRIAP. Desde 2014, colabora como técnica superior em projetos de intervenção em contexto prisional.

PREÂMBULO

Este é o quarto dossier temático que o ICAD (e o organismo que o antecedeu, o SICAD) promove em parceria com distintos especialistas na área dos comportamentos aditivos, indo ao encontro daquele que é um dos objetivos plasmados no Plano Nacional para a Redução dos Comportamentos Aditivos e das Dependência 2021-2030: Fomentar uma maior ligação entre ciência, decisão, ação e cidadania.

Num tempo em que a complexidade dos fenómenos aditivos se intensifica e diversifica, torna-se imperioso reforçar sinergias entre instituições públicas, academia e sociedade civil. O ICAD tem procurado fazê-lo de forma consistente, aprofundando laços com universidades, centros de investigação e organizações não governamentais. Seja através da dinamização da Rede Nacional de Investigação em CAD, seja com desafios lançados à comunidade técnica e científica, o propósito é claro: estimular a produção de conhecimento sólido e rigoroso, capaz de sustentar políticas públicas baseadas na evidência e orientadas para a realidade concreta das pessoas.

Nesse sentido, o ICAD voltou a convidar um conjunto de especialistas para contribuir com textos para um dossier temático e, mais uma vez, a resposta não podia ter sido melhor, na medida em que todos se mostraram interessados e disponíveis para colaborar com o ICAD, enviando textos de elevada relevância e qualidade científica. Em tempos marcados pelo primado das perceções, por receios infundados e por leituras demasiado politizadas das tensões sociais, gerar conhecimento não é de somenos importância, pelo que agradeço a todos os autores a forma generosa e entusiástica com que partilharam o seu saber.

Estou convicto de que esta coletânea igualará o sucesso das anteriores, alcançando ampla repercussão pública e inspirando novas iniciativas — debates, videoconferências, e apresentações em conferências nacionais e internacionais. A pertinência dos temas abordados e a qualidade dos contributos reunidos justificam plenamente essa expectativa.

Dado que os textos que constituem este dossier temático se debruçam sobre fenómenos escondidos (ou, pelo menos, para os quais se tende a olhar sem ver, arrisco dizer) e que a evidência sobre eles não é particularmente robusta, o presente dossier temático reveste-se de uma acrescida importância. Com muita frequência, os comportamentos aditivos nascem e reproduzem-se socialmente nas margens, tantas vezes longe dos olhares públicos, tantas vezes marcados por estigma, exclusão e discriminação.

Por isso mesmo, é dever das instituições públicas procurar conhecer e compreender melhor essas realidades, para que as respostas — de saúde, sociais e comunitárias — se façam efetivamente sentir junto de quem mais delas necessita. É esse o compromisso que o ICAD e os organismos que o antecederam têm mantido ao longo dos anos, com resultados amplamente reconhecidos.

A política portuguesa na área das drogas, valorizada no plano nacional e internacional, assenta na centralidade no cidadão e em princípios de inclusão e de humanismo. Nas últimas décadas, muito tem mudado no panorama dos comportamentos aditivos em Portugal, com novos fenómenos, novos atores sociais, novos contextos de uso e abuso. Mas algo permanece como eixo fundamental na missão do ICAD: o reconhecimento da plena dignidade humana e a necessidade de nos aproximarmos das margens, onde alguns comportamentos aditivos são vividos de forma particularmente problemática e a presença das políticas públicas se revela mais necessária.

Esta coletânea é, portanto, um esforço conjunto para, com o contributo inestimável de especialistas e estudiosos, aprofundar o conhecimento sobre alguns dos fenómenos — antigos e emergentes — que hoje exigem a nossa atenção. Dar-lhes visibilidade, contextualizá-los e investir na sua compreensão é condição essencial para continuar a construir respostas eficazes, humanas e sustentáveis.

Lisboa, 21 de outubro de 2025

O Presidente do Conselho Diretivo do ICAD, I.P.



João Castel-Branco Goulão

Introdução: comportamentos aditivos à margem

Vasco Calado

Unidade de Estatística e Investigação
Departamento de Investigação, Monitorização e Comunicação
ICAD

As margens que constituem o eixo unificador deste dossier temático não são as geográficas, mas as simbólicas, os espaços de fronteira que delimitam os fenómenos sociais que estão para lá da norma e os atores sociais que é possível encontrar por trás das cortinas do que é hegemónico. Na história das drogas foi historicamente a partir das margens que o consumo de determinadas substâncias psicoativas se constituiu problema social (Cruz, Machado & Fernandes, 2012; Escohotado, 1998; Romaní, 1997; Parascandola, 1995) e se fez da droga – no singular – uma entidade retórica (Valentim, 2001).

Apesar dos pontos de partida não serem os mesmos, de adotarem abordagens muito diversas e se debruçarem sobre temáticas e mundos empíricos que pouco têm em comum uns com os outros, os capítulos que compõem esta coletânea partilham um mesmo enunciado: o das margens, esse espaço que se mantém tendencialmente escondido ou invisível, discretamente afastado dos olhares públicos e das narrativas dominantes que estruturam o discurso social (Pina-Cabral, 2000). É precisamente no cruzamento entre as periferias e os comportamentos aditivos, entre exclusão e controlo social, que esta coletânea se situa.

Interrogar os processos que deslocam sujeitos e práticas para fora do centro e do campo da visibilidade social permite compreender como a sociedade no seu todo define e redefine as suas fronteiras morais e

identitárias. Como é sabido, a implementação de políticas e intervenções pressupõe evidência e um conhecimento concreto da realidade (ainda mais quando esta é mercada pela invisibilidade), pelo que o que caracteriza a presente coletânea é o esforço de descrever e enquadrar os fenómenos em análise e de dar voz aos sujeitos intervenientes.

Com os contributos aqui reunidos, ficamos a conhecer um pouco melhor as dinâmicas sociais que caracterizam práticas muito diversas, mas que, apesar de tudo, se cruzam e entrecruzam. Se, por um lado, são apresentadas realidades verdadeiramente empurradas para as margens, como a dos migrantes (capítulo 1), dos refugiados (capítulo 2), da população em condição de sem-abrigo (capítulo 3) e da população reclusa (capítulo 4) e indiciada (capítulo 5), por outro, encontramos populações que, por um razão ou por outra, procuram a reserva e a discrição, como os praticantes de *chemsex* (capítulo 6), os frequentadores de festas *trance* (capítulo 7) e os participantes de cerimónias de *ayahuasca* (capítulo 8). As jogadoras de *eSports* estão entre uns e outros, sendo o género o fator de invisibilidade.

Ainda que nem sempre de forma explícita, risco, estigma, deslocamento, desintegração, vulnerabilidade e discriminação (Mate, 2025; Alexander, 2008; Foucault, 1994; Goffman, 1988; Becker, 1963) são conceitos transversais aos diferentes capítulos. No entanto, como fica claro, a relação entre exclusão e comportamentos aditivos não é linear nem unidirecional: neste caso, causa e sintoma confundem-se a todo o momento. Sabe-se há muito que pobreza, desemprego, precariedade e discriminação são fatores de risco para um consumo de álcool e outras drogas mais problemático e danoso e que os usos de substâncias psicoativas funcionam frequentemente como mecanismo de *coping*, ajudando à autorregulação emocional e a lidar com a dor física e emocional (Hari, 2015; Fraser & Moore, 2012; Cunha, 2002; Fernandes & Ribeiro, 2002; Zinberg, 1984), constituindo um recurso usado por populações vulneráveis por forma a garantir um sentido mínimo de agência e a fomentar a integração numa comunidade e a reforçar a pertença identitária (Bourgois, 2003). Por outro lado, muitas vezes, a dependência, por si só, gera exclusão, ao quebrar laços familiares e vínculos laborais, potenciar o estigma (Room, 2005) e a rotulagem social (Becker, 1963). Num círculo vicioso, a vulnerabilidade convida a um consumo mais problemático, que, por sua vez, intensifica a exclusão, contribuindo para um processo de desfiliação social (Castel, 2008).

Quando as respostas públicas são inadequadas ou insuficientes, o estigma e o isolamento deixam de ser apenas contexto e assumem-se condições estruturantes que modelam e ampliam os comportamentos aditivos. Nessas zonas de sombra, as adições tornam-se menos visíveis, e, em muitos casos, revelam-se mais nefastas e destrutivas. Ao reunir olhares interdisciplinares — provenientes da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Medicina, Criminologia e Etnomusicologia —, esta coletânea propõe uma leitura abrangente e humanista de um conjunto de comportamentos em contexto marginal e periférico.

É, no entanto, extremamente redutor considerar as margens apenas como espaços de exclusão, pois, como fica bem explícito em vários capítulos, estas são também espaços de agência, de criação, invenção e reinvenção, de resistência e de reconfiguração, onde se constroem e reconstróem identidades, bem como formas alternativas de existência e pertença. Nas margens, coexistem expressões coletivas que desafiam o centro, a partir das quais os comportamentos aditivos se entrelaçam com dimensões socioeconómicas, culturais, políticas e espirituais.

No que pode ser considerado um retrocesso civilizacional, hoje a ideia de que exclusão é, de alguma forma, um desvio individual e os comportamentos aditivos uma falha moral ou de carácter parece ganhar força de novo, pelo que as minorias (incluindo a figura do consumidor marginal) são cada vez mais culpabilizadas, deixadas à sua sorte e alvo de violência discursiva e não só. Se há conclusão a retirar deste dossier temático é esta: o uso problemático de drogas e outros comportamentos aditivos não é algo inerente às margens, mas é aí, nesses espaços de invisibilidade social, que mais se confundem com sofrimento social (Kleinman, Das & Lock, 1998), sobretudo se não houver um combate ao estigma e à discriminação, se os serviços não se aproximarem destas populações ocultas e as respostas não surgirem centradas nas pessoas.

Na maioria dos capítulos são ainda deixadas recomendações, sugeridas intervenções e até formas de melhorar que já é feito de bom. A aposta deve passar por um esforço de integração, assente num discurso e numa prática mais inclusiva, pois, como se conclui da leitura dos diversos capítulos desta coletânea, as margens não são territórios desprovidos de sentido, são espaços de agência individual, de construção de identidades e de laços de pertença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexander, B. (2008). *The Globalisation of Addiction. A study in poverty of the spirit*. Oxford: Oxford University Press.
- Becker, H. (1963). *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. Nova York: Free Press.
- Bourgois, P. (2003). *In Search of Respect: Selling crack in el barrio*. Nova York: Cambridge University Press.
- Castel, R. (2008) [2007]. *A Discriminação Negativa. Cidadãos ou autóctones?* Petrópolis: Editora Vozes.
- Cruz, O., Machado, C & Fernandes, L. (2012). O «problema da droga: Sua construção, desconstrução e reconstrução». *Análise Psicológica*, 30(1-2), 49-61. <https://doi.org/10.14417/ap.530>
- Cunha, M.I. (2002). *Entre o Bairro e a Prisão: Tráfico e trajetos*. Lisboa: Fim de Século.
- Escohotado, A. (1998). *Historia General de las Drogas*. Madrid: Alianza Editorial.
- Fernandes, L. & Ribeiro, C. (2002). Redução de riscos, estilos de vida *junkie* e controlo social. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 39, 57-68.
- Foucault, M. (1994) [1984] [1976]. *História da Sexualidade*, 3 volumes. Lisboa: Relógio d'Água.

- Fraser, S. & Moore, D. (2011). Introduction. Constructing drugs and addiction. In Fraser, S & D. Moore (Eds.), *The Drug Effect. Health, crime and society*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hari, J. (2015). *Chasing the Scream. The first and last days of the war on drugs*. Nova York: Bloomsbury.
- Goffman, E. (1988) [1963]. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- Kleinman, A., Das, V. & Lock, M. (Eds.). *Social Suffering*. Berkeley: University of California Press.
- Mate, G. (2025) [2008]. *No Reino dos Fantasmas Famintos. Encontros imediatos com a dependência*. Alfragide: Lua de Papel.
- Parascandola, J. (1995). The drug habit: The association of the word «drug» with abuse in American history. In Porter, R. & M. Teich (Eds.), *Drugs and Narcotics in History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pina-Cabral, J. (2020). A difusão do limiar: Margens, hegemonias e contradições. *Análise Social*, XXXIV(153), 865–892.
- Romani, O. (1997). Etnografia y drogas: Discursos y prácticas. *Nueva Antropología*, XVI(53), 39-66.
- Room, R. (2005). Stigma, social inequality and alcohol and drug use. *Drug Alcohol Ver*, 24(2), 143-55. doi:[10.1080/09595230500102434](https://doi.org/10.1080/09595230500102434)
- Valentim, A. (2001). Droga, liminaridade social e utilização de Ersatz. In Torres, N. & J.P. Ribeiro (Orgs.), *A Pedra e o Charco. Sobre o conhecimento e intervenção nas drogas*. Almada: Íman Edições.
- Zinberg, N. (1984). *Drug, Set, and Setting: The basis for controlled intoxicant use*. New Haven: Yale University Press.

ESTADOS ALTERADOS E A COMUNHÃO SENSORIAL: OS USOS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM EVENTOS DE PSYTRANCE

7

*Emília Simão**

*Helena Valente**

* As duas pessoas autoras devem ser creditadas como Primeiro Autor

A história parece mostrar que a espécie humana sempre aceitou ansiosamente qualquer nova tecnologia que nos dê mais poder para receber e transmitir informação.

É da nossa natureza querer expandir a consciência, alterar os nossos cérebros, abrir-se a novas experiências. A rádio, a televisão, os transístores e as substâncias psicoativas são instrumentos para alargar o alcance da nossa experiência

Timothy Leary (2009: 13)

INTRODUÇÃO

Eventos de música eletrônica, em especial de *Psytrance*, constituem cenários singulares de sociabilidade, espiritualidade e experimentação psicadélica. Estas celebrações envolvem práticas que integram a música, as artes visuais e o uso de substâncias psicoativas como parte da experiência. No sentido de entender a sua relação, exploramos uma série de circunstâncias importantes na disseminação das substâncias e da cultura psicadélicas, e de como se cruzam com a ascensão da música eletrônica, moldando *dance floors* até aos nossos dias, com um foco particular na cena *Psytrance*. Aliada ao uso de substâncias, propomos ainda uma breve análise crítica das dinâmicas culturais e estéticas destes contextos.

Plantas dos Deuses: uma breve história do uso de substâncias psicoativas

Desde o início da humanidade, têm-se usado substâncias psicoativas com funções religiosas, terapêuticas, recreativas e outras. Devido às suas propriedades, várias plantas e fungos foram utilizados em diferentes culturas, incluindo cerimónias de cura e rituais de passagem (Valente, 2024a; Schultes, Hoffman & Rättsch., 2001). Apesar de estigmatizadas em diferentes momentos históricos, estas substâncias acompanham a ascensão da civilização, migrando com as rotas de comércio, cruzando fronteiras culturais, tirando vantagens dos desenvolvimentos científico e técnico, e alterando o carácter social das pessoas através do seu consumo (Durrant & Thakker, 2003).

Em 1806, o farmacêutico F. Serturmer extraiu o primeiro princípio psicoativo em forma pura de uma planta – a morfina, um alcalóide presente na papoila do ópio (Schultes, Hoffman & Rättsch, 2001). Desde então, têm-se utilizado os mesmos princípios para modificar substâncias psicoativas, modulando os seus

efeitos. Passámos, assim, das drogas tradicionais, como o ópio, para as primeiras drogas quimicamente transformadas, como a heroína, a anfetamina e substâncias sintéticas cada vez mais sofisticadas (Davenport-Hines, 2003; Courtwright, 2001). Estes desenvolvimentos impactaram profundamente a cultura popular e os *dance floors* como os conhecemos hoje (Valente, 2024a; Powers, 2013).

Lucy in the Sky with Diamonds: síntese e popularização do LSD

As substâncias psicadélicas, naturais ou sintéticas, provocam alterações na consciência, percepção, emoções e comportamento. O termo «psicadélico» surgiu em 1957, criado por H. Osmond após testar LSD, unindo «Psyche» (mente) e «Delos» (manifestar), tendo sido adotado em ambientes clínicos para descrever substâncias como LSD, psilocibina, mescalina e DMT, e mais tarde MDMA, cetamina e canábis (Dyck, 2012). Na década de 60, o termo expandiu-se para descrever elementos da contracultura nos EUA (Valente, 2024a).

O interesse no Ocidente por estas substâncias cresceu com as experiências de V. Guercken e G. Wasson, no México, com cogumelos psilocibinos, relatadas em revistas como a *Life* e *This Week Magazine*, na década de 50, influenciando o reconhecimento do potencial terapêutico dos psicadélicos (Valente, 2024a). Outro pioneiro foi A. Hofmann, químico suíço que sintetizou LSD nos anos 40 enquanto estudava derivados do esporão-do-centeio (Valente, 2024a). Em 1947, a farmacêutica Sandoz patenteou e comercializou o LSD sob a designação comercial *Delysid* (Gómez-Escolar, 2022), não demorando muito até que a comunidade psiquiátrica se interessasse pelos seus efeitos e começasse a testá-lo clinicamente (Valente, 2024a). Tornou-se relevante como modelo para estudar a psicose, caracterizar a estrutura da serotonina e a sua importância para o funcionamento cerebral e, mais tarde, como uma potencial ferramenta psicoterapêutica (Gómez-Escolar, 2022; Ulrich & Patten, 1991; Baumeister & Placidi, 1983).

No final dos anos 50 já existia um mercado informal para os ácidos, termo pelo qual o LSD passou a ser conhecido nas ruas (Baumeister & Placidi, 1983), usado para fins recreativos, dentro de movimentos contraculturais (Ulrich & Patten, 1991) e distribuído a uma escala sem precedentes, visto que um grama de LSD podia conter até 10.000 doses ativas (Valente, 2024a).

Together, Now!: a década de 1960 e a revolução psicadélica

Em 1954, A. Huxley publicou *As Portas da Percepção*, recontando as suas experiências com mescalina (Valente, 2024a). Os seus escritos popularizaram os psicadélicos entre o público não-científico, tornando-se uma influência relevante para a pesquisa de T. Leary e R. Alpert, dois psicólogos experimentais no departamento de Psicologia da Universidade de Harvard (Lenson, 1999; Penner, 2014), que fizeram

investigação com psilocibina em estudantes. Ambos acreditavam que as substâncias psicadélicas, plantas e fungos poderiam impulsionar a humanidade para o próximo passo evolutivo (Wark & Galliher, 2010; Lenson, 1999). Leary foi ainda o primeiro investigador a explorar a importância do *set* e do *setting*, num artigo apresentado em 1961 na Reunião Anual da Associação Psicológica Americana (Hartogsohn, 2017; Penner, 2014). Para Leary, Litwin & Metzner (1963), *set* significa a personalidade de uma pessoa, expectativas e preparação para a experiência psicadélica; o *setting* refere-se ao ambiente físico, social e cultural onde esta ocorre. Estes conceitos tornaram-se pilares fundamentais para intervenções de redução de riscos e compreensão da experiência de uso de drogas.

Após deixar Harvard, Leary tornou-se figura central da contracultura (Valente, 2024a), divulgando os seus ideais em livros como *Politics of Ecstasy* (2009), popularizando o lema *Turn on, tune in, drop out – turn on* significava despertar o potencial interno, *tune in* envolver-se com o mundo, e *drop out* adotar um estilo de vida alternativo e autónomo.

Drop acids, not bombs: contraculturas e políticas proibicionistas

O contexto pós-Segunda Guerra Mundial tornou-se um terreno fértil para os movimentos contraculturais nos EUA (Goffman & Joy, 2007). Além das suas dimensões políticas e sociais, a contracultura destacou-se pela produção artística e bandas como os *The Doors*, *The Beatles*, *Pink Floyd* e *The Grateful Dead* refletiam influências psicadélicas (Valente, 2024a). Para muitas pessoas, a música era uma via de acesso a estados alterados de consciência e experiências espirituais (Jurgensen, 2015). Sendo o movimento contracultural um movimento revolucionário que trabalhava em prol da expansão da consciência, as substâncias psicadélicas eram um instrumento privilegiado para a mudança (Valente, 2024a).

No final dos anos 60, os movimentos contraculturais começaram a declinar e o LSD foi rotulado como o «inimigo público número 1» nos EUA pela administração Nixon, oficialmente proibido em 1966 (Minutaglio & Davis, 2018; Ulrich & Patten, 1991). A procura ultrapassou a oferta e outras substâncias começaram a circular no mercado informal. A metanfetamina e a anfetamina tornaram-se populares e devido à sua produção mais simples, eram mais baratas e acessíveis (Smith D. E., 1974; Smith D. E. *et al.*, 2014).. Em 1967, novos compostos como o 2,5-Dimetoxi-4-metilanfetamina (DOM) tornaram-se amplamente disponíveis e, em 1969, foi vendido como «ácido castanho» no Festival de Woodstock – uma das adulterações mais famosas da história, com várias emergências médicas associadas à distribuição desta substância como sendo LSD (Shulgin & Shulgin, 1991). A. Shulgin, o primeiro químico a sintetizar esta substância, recorda os problemas decorrentes da confusão entre LSD e DOM durante o festival, atribuindo as principais complicações à elevada dosagem dos comprimidos de DOM (20 mg). A ausência

de uma correlação farmacológica e toxicológica entre LSD e DOM dificultou a atuação eficaz das profissionais de saúde, perante os casos de overdose (Valente, 2024a).

1483 Shulgin Road: redescobrimo o MDMA

Embora não tenha sido o primeiro a criar o MDMA — inicialmente sintetizado pela Merck em 1912 como precursor farmacêutico — foram os Shulgins, Ann e Sasha, que o popularizaram décadas depois (Bernschneider-Reif, Öxler & Freudenmann, 2006; Shulgin & Shulgin, 1991). Ambos acreditavam no potencial espiritual e terapêutico do MDMA, partilhando-o em contextos íntimos (Saunders, 1993). Em 1977 apresentaram o composto ao psicólogo L. Zeff, que promoveu o seu uso terapêutico a milhares de profissionais nos EUA (Benzenhofer & Passie, 2010).

Através da disseminação exponencial de entusiastas, o MDMA começou a aparecer em comunas hippies na Califórnia e, pouco tempo depois, na cena gay, sendo conhecido como a «droga do amor» e, mais tarde, passou a designar-se de *ecstasy* (Collin, 2010). O MDMA começou a ser produzido em grande escala nos EUA, popularizando-se em festas e clubes, seguindo depois para a Europa, através de centros de produção estabelecidos, até hoje, na Holanda e Bélgica (Collin, 2010; Martínez *et al.*, 2003; Pentney, 2001). Em 1984 foi proibido nos EUA.

A whole lot of love: drogas e dance-floors

A música eletrónica de dança (MED) nasce da interseção de diferentes géneros musicais com a evolução das tecnologias nas sociedades ocidentais, entre as décadas de 70 e 80. Em 1969 aparecem as primeiras caixas de ritmos, permitindo aos DJs produzir e misturar sons próprios (Beserra & Wahba, 2021). Estes avanços deram um impulso a novos movimentos como o *Disco Sound* e a públicos cada vez mais amplos (Valente, 2024a). O *Techno*, com raízes em Detroit e o *House* em Chicago, são comumente definidos como os géneros fundadores (Reynolds, 2013). Muitos frequentadores destes ambientes sentiam-se socialmente excluídos e pertenciam sobretudo às comunidades negras e gays (Valente, 2024a).

Mais tarde aparece o *Acid House*, tornando-se popular no Reino Unido e restante Europa, onde influenciou numerosos estilos de música eletrónica (Hill, 2000). A explicação para o nome *Acid* não é consensual, mas foi possivelmente influenciada pelo nome de rua dado ao LSD (ácido), popular nos eventos desse tipo de música (Valente, 2024a). Estes ajuntamentos eram frequentemente chamados de «raves», tinham um carácter único, pelo tipo de música e pelos locais onde aconteciam (Beserra & Wahba, 2021; Calado, 2007; Carvalho, 2007; Evans, 1992) e uma atitude disruptiva, que afastava os segmentos mais conservadores da sociedade. Os *dance floors* foram assim tomados por movimentos de oposição

aos valores ortodoxos vigentes e de luta contra a exclusão (Carvalho, 2007; Grynszpan, 1999). As raves rapidamente se tornaram populares: este processo evolutivo da periferia para o centro é o que Fernandes (2009) chama de «difração da norma», em que elementos de disrupção são reinterpretados, mas não totalmente assimilados pelo *mainstream*. O movimento MED torna-se “...politicamente realista. Não acredita ingenuamente que pode derrubar o sistema ou simplesmente sair dele, mas aprende a viver dentro do sistema e a contorná-lo para servir os seus fins. As pessoas começam a reconciliar-se com a nova condição (pós)moderna” (Evans, 1992: 5).

Under the full moon: origem e desenvolvimento

No final da década de 80 e início de 90, DJs e produtoras europeias começaram a incorporar sons eletrónicos e psicadélicos na sua música. O rótulo «Trance» começou a ser usado para descrever sonoridades que induziam estados de euforia, experiências amplificadoras e até alteradoras da própria consciência, devido à sua capacidade de induzir estados semelhantes ao transe, com ou sem o apoio de substâncias psicoativas. Além dos seus desenvolvimentos europeus, o Trance reunia muitas pessoas nas praias paradisíacas de Goa, na Índia, um destino popular para os entusiastas do mundo psicadélico, desde o final da década de 60 (Valente, 2024a). Goa foi abraçada como um paraíso para os espíritos livres e “pessoas deslocadas com mentes deslocadas” (D’Andrea, 2007: 9). As raves evoluíram para encontros regulares e os DJs abandonavam progressivamente o rock psicadélico, passando a tocar essencialmente música eletrónica (Greener & Hollands, 2006). Estas «festas da Lua Cheia» incubaram um movimento musical específico com uma estética e ideologia própria denominado de *Goa Trance* (Bannerman, 2016; St John & Baldini, 2012; Zandbergen, 2011; Saldanha, 2005).

Entre 1990 e 2000 estas festas cruzaram fronteiras, permitindo que o Goa Trance se desdobrasse em subgéneros como o *Psytrance* e outros, produzidos e tocados em todo o mundo (Pereira, 2024), criando um calendário internacional de grandes eventos como o Boom Festival em Portugal, Burning Man nos EUA, Shambala no Canadá, Ozora na Hungria, Rainbow Serpent na Austrália e outros (Valente, 2024a).

We are one: as raves e festas Psytrance em Portugal

Estudos têm demonstrado como os festivais de música eletrónica estimulam formas alternativas de sociabilidade e espiritualidade, com dinâmicas de ajuda mútua que transcendem relações utilitárias (Van Havere *et al.*, 2015; Kavanaugh & Anderson, 2008). No caso do *Psytrance*, os valores centrais da cena são frequentemente resumidos no acrónimo PLUR (Paz, Amor, Unidade e Respeito) que transcendem os eventos (Rahme, 2020).

As raves e festas de música eletrónica chegaram a Portugal com algum atraso, em relação ao resto da Europa e sem o enquadramento sociopolítico dos outros países (Carvalho, 2007). O Techno, House e *Psytrance* apareceram em Portugal quase simultaneamente, mas em configurações diferentes: primeiro em Lisboa, seguindo-se o Porto e outras cidades periféricas. As primeiras festas de *Psytrance* no país foram underground, organizadas por pequenos coletivos ou grupos de pessoas amigas, na sua maioria jovens, urbanos, de classe média a alta, e com altos níveis de educação (Calado, 2007; Carvalho, 2007; Silva, 2005).

A principal produtora da época foi a GoodMood, que, entre 1995 e 2004, organizou mais de 70 eventos de relevo na Herdade do Zambujal (Setúbal), frequentemente referida como a «floresta mágica» (Calado, 2007). Em 1997, organizou pela primeira vez o Boom Festival (BF), inserindo definitivamente Portugal no circuito internacional do *Psytrance*. Desde 1998 o BF é um festival bienal, a partir de 2000 com a duração de uma semana e acontece num local agora chamado de *Boomland* (Idanha-a-Nova). “O Boom é um festival dedicado a espíritos livres de todo o mundo. Um encontro de uma tribo psicadélica global e de quem sente o chamado para se juntar às celebrações” (Festival Boom, 2018). O BF tem sido reconhecido por seu impacto transformador, criando um ambiente imersivo que oferece a cerca de 40.000 participantes de mais de 100 nacionalidades, a oportunidade de explorar estados alterados de consciência, vida natural e experiências corporificadas (Carvalho *et al.*, 2019). Segundo St John & Baldini (2012), o BF é um enclave religioso heterotópico e espiritual.

Comunhões sensoriais: estéticas digitais e arte visionária

Desde tempos remotos, rituais induzem estados alterados de consciência mediados por elementos-guia (Eliade, 2002). Estes «neo-rituais» contemporâneos giram em torno de períodos intensos de dança e constituem experiências sensoriais compostas por ritmos hipnóticos, símbolos ancestrais, efeitos visuais e substâncias psicoativas, agrupados para provocar reações físicas e emocionais (Simão & Magalhães, 2015; Van Havere *et al.*, 2015). Goa Gil, um DJ icónico da cena, afirmava que sua missão era “redefinir no século XXI ritos tribais ancestrais através da dança” (Simão, 2015; St John, 2013).

Estudos indicam que as pessoas participantes sentem a música como uma presença viva e corpórea, capaz de guiar emoções e visões místicas (Mosina & Michael, 2024; Milshteyn & Bensimon, 2023). As estéticas digitais, integrando som, luzes, vídeo e performance, potenciam a relação com a música e dança (Simão, Magalhães & Silva, 2015) e, por conseguinte, o prazer associado a estas experiências (Duff, 2012; Malbon, 2002).

A relação entre substâncias psicoativas, rituais e arte visionária remonta também aos primórdios da humanidade. Estudos de Lewis-Williams (2004) sugerem que representações de padrões geométricos em

pinturas rupestres do Paleolítico podem ter sido inspirados pela ingestão de substâncias psicoativas. Com o avanço da tecnologia, estas representações evoluíram para outros formatos: projeções, *videomapping*, instalações interativas e imersivas atuam nas festas como mediadores simbólicos entre o consciente e o inconsciente (Simão, 2015). DJs e VJs assumem-se de «tecnoxamãs», ao facilitarem experiências sensoriais e espirituais por meio da combinação de som, imagem e substâncias psicoativas (Simão & Magalhães, 2015; St John, 2013; Takahashi, 2005). Em 2011, uma pesquisa identificou 400 raves virtuais no Second Life, muitas delas de estética *Psytrance*. Não obstante o formato, constatou-se que o consumo de drogas era comum, provocando efeitos visuais e interferindo na intensidade da dança (dos avatares), paralelamente a outras semelhanças como o estilo musical, estímulos visuais, decoração, intemporalidade e conexões intensas (Simão, Magalhães & Silva, 2015).

Entre o ritual e o recreativo: substâncias psicoativas em eventos de *Psytrance*

O consumo de substâncias é frequentemente percebido como parte de uma prática integrada que conjuga prazer, autoconhecimento, espiritualidade e responsabilidade (Milshteyn & Bensimon, 2023). Neste enquadramento, Pienaar *et al.* (2020) aplicam às substâncias psicoativas o conceito *foucaultiano* de «tecnologias do self», segundo o qual as pessoas realizam operações sobre si mesmas com o objetivo de se transformarem (Foucault, 1988). O uso de drogas nestes eventos não é um ato meramente recreativo, mas um elemento-chave na construção da «identidade *Psytrance*» e das suas formas de expressão (Demant, 2013; Zandbergen, 2011).

Os níveis de consumo de substâncias entre *Psytrancers* e frequentadores de outros eventos de MED são superiores aos observados na população em geral (Valente *et al.*, 2019; Van Havere *et al.*, 2015; EMCDDA, 2010; Measham & Moore, 2009; Chinet *et al.*, 2007). Estima-se que 20 milhões de pessoas consumiram MDMA em 2022, o que representa 0,4% da população global (UNODC, 2023), a maioria em contextos festivos. De facto, desde o seu aparecimento, estes eventos têm funcionado como contextos de sociabilidade, busca de prazer e transgressão, em que as substâncias psicoativas desempenham um papel relevante na produção e intensificação das experiências (Valente, Vale Pires & Carvalho, 2018). Em Portugal, a consolidação do movimento *Psytrance* foi acompanhada por uma cobertura mediática que o associava ao desvio e ao risco (Valente *et al.*, 2021). Estas narrativas reforçaram um pânico moral em torno da música eletrónica, frequentemente ignorando a complexidade dos significados atribuídos aos consumos, pelas pessoas que os frequentam.

Dados internacionais revelam a elevada prevalência do uso de substâncias como MDMA, LSD, canábis e cogumelos em ambientes festivos, sendo frequentemente utilizadas de forma combinada (EUDA, 2025;

UNODC, 2023), com intencionalidades específicas e motivações centradas no prazer, introspeção e conexão interpessoal (UNODC, 2023; EUDA, 2025; Valente *et al.*, 2022, 2019). Os dados do último *European Web Survey on Drugs 2024* (EUDA, 2025), recolhidos junto de mais de 61 mil pessoas adultas de 25 países europeus, corroboram esses estudos.

A prevalência do consumo de substâncias psicoativas em festivais de música ao ar livre e festas na natureza tem sido amplamente documentada por estudos recentes. Bonny-Noach *et al.* (2023) analisaram os padrões de consumo entre os 5,8% dos 1.206 participantes que frequentaram *nature parties* em 2022, identificando uma elevada prevalência de consumo de canábis (62,2%), LSD (41,4%), MDMA (31,7%) e cogumelos com psilocibina (23,9%). Outras substâncias como a cetamina (19,6%) e a cocaína (17,2%) também foram relatadas, juntamente com um uso significativo de álcool (56,5%). Resultados semelhantes foram observados nos estudos de Valente *et al.* (2019), com base em dados recolhidos no BF de 2016 e 2018. A canábis (27%) e o álcool (9%) destacaram-se como as substâncias mais frequentemente consumidas diariamente. Na semana anterior ao estudo, o álcool (78%) e a canábis (69%) foram as mais utilizadas. O MDMA destacou-se no consumo no último mês (25%) e manteve níveis elevados de prevalência ao longo dos 12 meses anteriores (68%), apenas superado pelo álcool (96%) e pela canábis (89%). Em termos de consumo ao longo da vida, os cogumelos psilocibinos (80%) e o MDMA (94%) foram referidos pela maioria, evidenciando a centralidade destas substâncias nas experiências festivas. Dados de Valente *et al.* (2022a; 2022b; 2024b), recolhidos no BF de 2018, reforçam esta tendência. Entre as pessoas que utilizaram o serviço de *drug checking*²², o álcool e a canábis continuaram a ser as substâncias mais consumidas, com 23% a relatar uso diário de canábis e 54% consumo semanal de álcool. Substâncias como o MDMA, LSD e cogumelos psilocibinos mostraram padrões de uso moderado mas regulares, com uma parcela significativa a relatar consumo anual entre 1 a 11 vezes.

Estudos revelaram também motivações consistentes para o consumo. Segundo Valente *et al.* (2019), os principais motivos apontados pelos participantes que recorreram ao serviço de *drug checking* incluíram o divertimento/prazer (70%), a curiosidade (64%) e a redução do cansaço (31%), entre outros fatores ligados ao bem-estar e à sociabilidade. Os locais mais frequentemente associados ao consumo foram os festivais e festas (72%), seguidos da casa (60%) e de discotecas ou clubes (45%).

Entre 2022 e 2025, a Kosmicare²³ implementou o seu serviço de *drug checking* em cinco festivais de *Psytrance* realizados em Portugal continental, tendo analisado um total de 2474 amostras. As substâncias

²² A análise de substâncias psicoativas ou *drug checking* é definida como um serviço que permite às pessoas que usam drogas entregar amostras de substâncias psicoativas para serem analisadas quimicamente e receber informação e aconselhamento especializado.

²³ A Kosmicare é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2016, com o objetivo de promover atividades de intervenção, investigação e *advocacy* que favoreçam a adoção de padrões de consumo de substâncias mais seguros e informados, o design e implementação de serviços baseados na evidência científica e a implementação de políticas de drogas mais pragmáticas e compreensivas. Mais informação em: kosmicare.org

mais frequentemente entregues pelos participantes foram MDMA (40%), destacando-se a presença de um grande número de pastilhas com elevadas dosagens (Kosmicare, 2020). O LSD representou 20% das submissões, enquanto as amostras de cetamina indicaram uma tendência crescente, já correspondendo a 18% do total — um reflexo da tendência global de aumento do consumo desta substância em contextos festivos e recreativos (Marongiu *et al.*, 2025; Yockey, 2023; Morgan, Curran & Independent Scientific Committee on Drugs, 2012). De forma bastante característica do universo *Psytrance*, também foram entregues amostras de outras substâncias psicadélicas, como 2C-B, DMT, 5-MeO-DMT e 4-AcO-DMT, embora em quantidades mais reduzidas.

Estes dados sublinham a elevada prevalência e diversidade no consumo de substâncias psicoativas nestes contextos específicos, apontando para um fenómeno complexo que envolve padrões de uso regulares, motivações múltiplas e contextos sociais próprios. O fenómeno do policonsumo tem-se também revelado extremamente prevalente (UNODC, 2023). De acordo com Mosina & Michael (2024), mais de 95% das pessoas que participaram neste estudo reportaram misturar substâncias, a maioria de forma consciente e intencional. As experiências relatadas foram, na sua esmagadora maioria, positivas. Um impressionante total de 99,5% das pessoas inquiridas declarou ter vivenciado experiências agradáveis ao combinar substâncias e apenas 18,2% indicaram nunca ter tido uma experiência de cariz místico, sugerindo que, para a maioria, o policonsumo está associado a vivências intensas e transformadoras. De forma ainda mais significativa, 89% dos participantes afirmaram que as experiências psicadélicas vividas em festivais alteraram de forma duradoura a sua perceção e comportamento. Entre os efeitos mais mencionados encontram-se o aumento da empatia, uma maior sensação de presença e consciência no momento presente e mudanças concretas nas decisões de vida.

O policonsumo não deve ser assim compreendido apenas como uma prática de risco, mas como um fenómeno cultural e experiencial, cujo significado transcende o simples uso de substâncias. A compreensão aprofundada dos padrões, motivações e contextos associados a estas práticas é essencial para informar políticas de redução de riscos que respeitem a autonomia dos utilizadores/as e promovam ambientes mais seguros.

Nestes contextos, é comum estabelecer-se uma distinção ética entre substâncias aceites e rejeitadas. LSD, cogumelos, MDMA e cannabis são valorizadas por estarem associadas à introspeção e ao crescimento espiritual (Kajanová & Mrhálek, 2019), enquanto substâncias como a heroína ou a metanfetamina são vistas como «pesadas» e incompatíveis com os valores da cena. Estas hierarquias simbólicas refletem-se na moralidade interna destes contextos: práticas consideradas «meramente hedonistas» ou irresponsáveis são estigmatizadas, ao passo que o consumo orientado para o autoconhecimento é valorizado (Valente *et al.*, 2024b; Ruane, 2015).

Para muitos *Psytrancers*, o conceito de «uso responsável» é central na sua identidade e autorrepresentação enquanto pessoas que usam drogas. Estas tendem a valorizar informações científicas, partilhando-as entre pares e contribuindo para a sensação de segurança perante uma experiência potencialmente imprevisível (Valente *et al.* 2024b; Ruane, 2018). Tal atitude reflete-se na adoção de estratégias de minimização de riscos que visam não só evitar danos, mas também maximizar o prazer subjetivo da experiência (Valente *et al.* 2024b; Taylor, Ayres & Jones, 2020). O hedonismo é articulado com responsabilidade, desafiando a dicotomia tradicional entre prazer e segurança. O prazer não é assim um fenómeno instintivo ou garantido, mas sim um estado alcançado através de práticas específicas, que implicam conhecimento, aprendizagem e preparação. (Valente *et al.* 2024b; Taylor, Ayres & Jones, 2020; Race, 2008).

CONCLUSÃO

A análise do uso de substâncias psicoativas em eventos de *Psytrance* revela mais do que padrões de consumo: ilumina um conjunto complexo de experiências subjetivas, práticas culturais e formas de resistência, que desafiam as narrativas dominantes sobre as drogas e quem as consome. Nesses contextos, os estados alterados de consciência não são vistos apenas como formas de escapismo, mas como experimentações sensoriais, espirituais e coletivas – experiências em que prazer, transcendência e comunhão se entrelaçam, rejeitando a patologização imediata do uso de drogas.

A prevalência do uso de substâncias como MDMA, LSD e cogumelos, muitas vezes combinadas, reflete a normalização desses consumos em ambientes festivos. Embora existam riscos, os relatos destacam vivências positivas, com impacto duradouro na perceção, nas relações interpessoais e até nas decisões de vida. Consideramos, assim, que o consumo de substâncias deve ser compreendido a partir de uma perspetiva integrada, que reconheça sua dimensão simbólica, experiencial e comunitária, em que o hedonismo é ressignificado como busca por transformação pessoal e espiritual.

Compreender esses contextos é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de intervenção, baseadas no respeito pela autonomia dos indivíduos e na valorização das culturas em que essas práticas se inserem. Mais do que alvos de intervenções, as pessoas que usam substâncias devem ser reconhecidas como agentes ativos na construção de suas próprias estratégias de cuidado, bem-estar e prazer.

As estratégias preventivas centradas apenas nos riscos do consumo tendem a ser ineficazes, sobretudo entre aqueles que não se identificam com discurso que desconsideram os prazeres e benefícios que essas práticas podem proporcionar. Nesse sentido, as políticas públicas devem priorizar a centralidade dessas vozes, assegurando que sejam protagonistas na construção de estratégias de redução de danos e intervenções.

Para muitas pessoas, as experiências psicadélicas são vividas como formas ampliadas de consciência, proporcionando novas formas de conhecimento e autopercepção. O desafio não é apenas técnico, é também ético e político: Como legitimar o prazer, como parte fundamental da saúde? Como garantir que as vozes das pessoas que usam drogas sejam ouvidas e participem na construção de políticas públicas que lhes digam respeito?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bannerman, B. A. (2016). *Transformative, Exceptional Human Experiences at Music Festivals: A transpersonal phenomenological exploration*. Lethbridge: University of Lethbridge.

Baumeister, R. F. & Placidi, K. S. (1983). A social history and analysis of the LSD controversy. *Journal of Humanistic Psychology*, 23(4), 25-58. <https://doi.org/10.1177/0022167883234003>

Benzenhöfer, U. & Passie, T. (2010). Rediscovering MDMA (ecstasy): The role of the American chemist Alexander T. Shulgin. *Addiction*, 105(8), 1355-1361. <https://doi.org/10.1111/j.1360-0443.2010.02948.x>

Bernschneider-Reif, S., Öxler, F. & Freudenmann, R. W. (2006). The origin of MDMA ('ecstasy') – Separating the facts from the myth. *Die Pharmazie-An International Journal of Pharmaceutical Sciences*, 61(11), 966-972. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17152992/>

Beserra, F. R. & Wahba, L. (2021). Redução de danos, crises e música electrónica. In F. R. Beserra (Ed.), *Redução de Danos em Contexto de Festas*. Curitiba: Editora CVR.

Bonny-Noach, H. et al. (2023). Substance use, harm reduction attitudes and behaviors among attendees of nature rave parties in Israel. *Harm Reduction Journal*, 20(108). <https://doi.org/10.1186/s12954-023-00845-3>

Boom Festival (2023). *Boom Festival 2023*. <https://www.boomfestival.org/boom2023/>

Calado, V. (2007). Trance psicadélico, drogas sintéticas e paraísos artificiais. Uma análise a partir do ciberespaço. *Toxicodependências*, 13(1), 21-8.

Carvalho, M. C. (2007). *Culturas Juvenis e Novos Usos de Drogas em Meio Festivo: O trance psicadélico como analisador*. Porto: Campo das Letras

Carvalho, M. C. et al. (2019). Community-based full-spectrum harm reduction when caring for psychoactive and psychedelic related problems at a transformational festival". In M. Winkelman & B. Sessa (Eds.), *Advances in Psychedelic Medicine: State-of-the-art therapeutic applications*. Santa Barbara: Greenwood.

Chinet, L. et al. (2007). Party drug use in techno nights: A field survey among French-speaking Swiss attendees. *Pharmacology Biochemistry and Behavior*, 86(2), 284-289. <https://doi.org/10.1016/j.pbb.2006.07.025>

Collin, M. (2010). *Altered State: The story of ecstasy culture and acid house*. Londres: Profile Books.

Courtwright, D. T. (2001). *Forces of Habit: Drugs and the making of the modern world*. Cambridge: Harvard University Press.

D'Andrea, A. (2010). The decline of electronic dance scenes: The case of psytrance in Goa. In G. St. John (Ed.), *The Local Scenes and Global Culture of Psytrance*. Londres: Routledge.

D'Andrea, A. (2007). *Global Nomads: Techno and new age as transnational countercultures in Ibiza and Goa* (Vol. 10). Londres: Routledge.

Davenport-Hines, R. (2003). *The Pursuit of Oblivion: A global history of narcotics*. Londres: WW Norton & Company.

Demant, J. (2013). Affected in the nightclub. A case study of regular clubbers' conflictual practices in nightclubs. *International Journal of Drug Policy*, 24(3), 196-202. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2013.04.005>

Duff, C. (2008). The pleasure in context. *The International Journal of Drug Policy*, 19(5), 384-392. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2007.07.003>

- Durrant, R. & Thakker, J. (2003). *Substance Use and Abuse: Cultural and historical perspectives*. Thousand Oakes: Sage Publications.
- Dyck, E. (2012). The psychedelic sixties in North America: Drugs and identity. In L. A. Campbell, D. Clement & G. S. Kealey (Eds.), *Debating Dissent: Canada and the 1960s*. Toronto: University of Toronto Press.
- Eliade, M. (2002). *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase* (2ª Ed.). São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (2010). *Annual report 2010: The state of the drugs problem in Europe*. Lisboa: EMCDDA. https://www.emcdda.europa.eu/publications/annual-report/2010_en
- European Union Drugs Agency (2025). *European Web Survey on Drugs 2024: top-level findings, 24 EU countries and Norway*. https://www.euda.europa.eu/publications/data-factsheet/european-web-survey-drugs-2024-top-level-findings_en
- Evans, H. (1992). *Out of Sight, Out of Mind: An analysis of rave culture*. Wimbledon: Wimbledon School of Art.
- Fernandes, L. (2009). O que a droga faz à norma. *Toxicodependências*, 15(1), 3-18.
- Foucault, M. (1988). Technologies of the self. In L. H. Martin, H. Gutman & P. H. Hutton (Eds.), *Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault*. Amherst: University of Massachusetts Press.
- Goffman, K. & Joy, D. (2007). *Counterculture Through the Ages: From Abraham to acid house*. Nova York: Villard.
- Gómez-Escolar, A. (2022). *Essential Guide to the Psychedelic Renaissance: All you need to know about how psilocybin, MDMA and LSD are revolutionizing mental health and changing lives*. ArgoNowt.
- Greener, T. & Hollands, R. (2006). Beyond subculture and post-subculture? The case of virtual Psytrance. *Journal of Youth Studies*, 9(4), 393-418. https://doi.org/10.1080/13676260600914390_
- Grynszpan, E. (1999). *Bruyante Techno – Réflexion sur le son de la free-party*. Nantes: Seteun.
- Hartogsohn, I. (2017). Constructing drug effects: A history of set and setting. *Drug Science, Policy and Law*, 3(1). <https://doi.org/10.1177/2050324516683325>
- Hill, A. E. (2000). *Acid House: Youth and late eighties Britain*. Manchester: The University of Manchester.
- Jurgensen, J. (2015). 'Deafheads' marked a milestone of their own at final grateful dead shows. *The Wall Street Journal*, 10/7/2015. <https://www.wsj.com/articles/deafheads-marked-a-milestone-of-their-own-at-final-grateful-dead-shows-1436503168>
- Kajanová, A. & Mrhálek, T. (2019). Drugs as part of the psychedelic trance dance party. *Human Affairs*, 29(2), 145–156. <https://doi.org/10.1515/humaff-2019-0012>
- Kavanaugh, P. R. & Anderson, T. L. (2008). Solidarity and drug use in the electronic dance music scene. *The Sociological Quarterly*, 49(1), 181–208. <https://doi.org/10.1111/j.1533-8525.2007.00111.x>
- Kosmicare (2020). *Drug Checking Service Report – November 2019 to November 2020*. Lisboa: Kosmic Publications.
- Leary, T. (2009) [1988]. *The Politics of Psychopharmacology*. Berkeley: Ronin Publishing.
- Leary, T., Litwin, G. H. & Metzner, R. (1963). Reactions to psilocybin administered in a supportive environment. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 137(6), 561-573. <https://doi.org/10.1097/00005053-196312000-00007>
- Lenson, D. (1999). *On Drugs*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Lewis-Williams, J. (2004). Consciousness, intelligence, and art: A view of the west European middle to upper paleolithic transition. In B. Günter (Ed.), *New Perspectives on Prehistoric Art*. Londres: Praeger.
- Malbon, B. (2002). *Clubbing: Dancing, ecstasy, vitality*. Londres: Routledge.
- Marongiu, S. et al. (2025). Rising incidence of recreational ketamine use: Clinical cases and management in emergency settings. *Toxicology Reports*, 1(14), 101940. doi: [10.1016/j.toxrep.2025.101940](https://doi.org/10.1016/j.toxrep.2025.101940)
- Martínez, P. A. S. et al. (2003). Evolución histórica del uso y abuso de MDMA. *Adicciones*, 15(5), 35-50. <https://doi.org/10.20882/adicciones.452>
- Measham, F. & Moore, K. (2009). Repertoires of distinction: Exploring patterns of weekend polydrug use within local leisure scenes across the English nighttime economy. *Criminology & Criminal Justice*, 9(4), 437-464. <https://doi.org/10.1177/1748895809343406>

- Milshteyn, Y. & Bensimon, M. (2023). Exploring the subjective experience of rave party participants in Israel who consume psychedelic drugs: a qualitative inquiry. *Harm Reduction Journal*, 20(1). <https://doi.org/10.1186/s12954-023-00908-5>
- Minutaglio, B. & Davis, S. L. (2018). *The Most Dangerous Man in America: Timothy Leary, Richard Nixon and the hunt for the fugitive king of LSD*. Nova York: Twelve.
- Morgan, C. J., Curran, H. V., & Independent Scientific Committee on Drugs (ISCD) (2012). Ketamine use: A review. *Addiction*, 107(1), 27-38.
- Mosina, I. & Michael, P. (2024). Recreational use of psychedelics at music festivals: Motivation, nature of experiences and learnings. *Journal of Psychedelic Studies*, 8(1), 106–121. <https://doi.org/10.1556/2054.2023.00282>
- Penner, J. (Ed.) (2014). *Timothy Leary: The Harvard years. Early writings on LSD and psilocybin with Richard Alpert, Huston Smith, Ralph Metzner, and others*. Nova York: Simon and Schuster.
- Pentney, A. R. (2001). An exploration of the history and controversies surrounding MDMA and MDA. *Journal of Psychoactive Drugs*, 33(3), 213-221. <https://doi.org/10.1080/02791072.2001.10400568>
- Pereira, T. A. M. (2024). 3.4 Heterotopia, liminality and everyday life: The Boom Festival as an epiphenomenon of otherness. *Kismif Conference*. <https://ler.lettras.up.pt/uploads/ficheiros/19273.pdf>
- Pienaar, K. et al. (2020). Drugs as technologies of the self: Enhancement and transformation in LGBTQ cultures. *International Journal of Drug Policy*, 78, 102673. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2020.102673>
- Powers, M. (2013). *Drugs 2.0: The web revolution that's changing how the world gets high*. Londres: Portobello Books.
- Race, K. (2008). The use of pleasure in harm reduction: Perspectives from the history of sexuality. *International Journal of Drug Policy*, 19(5), 417–423. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2007.08.008>
- Rahme, M. (2020). *More than Music: The lived experiences of communities developed through music festivals* [Tese de Doutoramento]. Denver: University of Denver. <https://digitalcommons.du.edu/etd/1832/>
- Reynolds, S. (2013). *Generation Ecstasy: Into the world of techno and rave culture*. Londres: Routledge.
- Ruane, D. (2018). Field experiments: Psychonauts' efforts to reduce the harm of old and new drugs at music festivals. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 25(4), 337-344. <https://doi.org/10.1080/09687637.2017.1418836>
- Saldanha, A. S. (2005). Vision and viscosity in Goa's psychedelic trance scene Arun Saldanha. *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, 4(2), 172-193. journal.org/index.php/acme/article/view/733
- Saunders, N. (1998). *E for Ecstasy*. Liz Heron.
- Schultes, R. E., Hofmann, A. & Rättsch, C. (2001). *Plants of the Gods: Their sacred, healing, and hallucinogenic powers*. 2nd Edition. Vermont: Healing Arts Press.
- Shulgin, A. T. & Shulgin, A. (1991). *PIHKAL: A chemical love story*. Berkeley: Transform Press.
- Silva, V. (2005). Techno, house e trance. Uma incursão pelas culturas da 'dance music'. *Toxicoddependências* 12(2), 11–19.
- Simão, E. (2015). *Neo-tribalismo e Infocomunicação em Plataformas Digitais: O estudo de caso da Tribo Transe* [Tese de Doutoramento]. Porto: Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78874>.
- Simão E. & Magalhães, S. (2015) Psychedelic trance and multimedia neo-rituals: The modern shamanic tools. In E. Simão, S. Magalhães & A. Silva (Eds.), *Exploring Psychedelic Trance and Electronic Dance Music in Modern Culture*. Hershey: IGI Global.
- Simão, E., Magalhães, S. & Silva A. (2015) Psychedelic trance on the Web: Exploring digital parties at Second Life In E. Simão, S. Magalhães & A. Silva (Eds.) *Exploring Psychedelic Trance and Electronic Dance Music in Modern Culture*. Hershey: IGI Global.
- Smith, D. E. (1974). Street drug analysis and community-based drug programs. *Journal of Psychedelic Drugs*, 6(2), 153-159. <https://doi.org/10.1080/02791072.1974.10471824>
- Smith, D. E., Raswyck, G. E. & Dickerson Davidson, L. (2014). From Hofmann to the Haight Ashbury, and into the future: The past and potential of lysergic acid diethylamide. *Journal of Psychoactive Drugs*, 46(1), 3-10. <https://doi.org/10.1080/02791072.2014.873684>
- St John, G. (2013). Aliens are us: Cosmic liminality, remixticism and alienation in Psytrance. *Journal of Religion and Popular Culture*, 25(2), 186–204. doi: [10.3138/jrpc.25.2.186](https://doi.org/10.3138/jrpc.25.2.186)
- St John, G. & Baldini, C. (2012). Dancing at the crossroads of consciousness: Techno-mysticism, visionary arts and Portugal's Boom Festival. In C. M. Cusack & A. Norman (Eds.), *Handbook of New Religions and Cultural Production*. Leiden: Brill.

- Takahashi, M. (2005) Spirituality through the Science of Sound: The DJ as Technoshaman in Rave Culture. In Gilmour, M. (Ed.) *Call Me the Seeker: Listening to Religion in Popular Music*. Nova York: Continuum.
- Taylor, S., Ayres, T. & Jones, E. (2020). Enlightened hedonism? Independent drug checking amongst a group of ecstasy users. *International Journal of Drug Policy*, 83, 102869. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2020.102869>
- Ulrich, R. F. & Patten, B. M. (1991). The rise, decline, and fall of LSD. *Perspectives in Biology and Medicine*, 34(4), 561-578. <https://doi.org/10.1353/pbm.1991.0062>
- United Nations Office on Drugs and Crime (2023). *World Drug Report 2022*. Viena: UNODC. <https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/world-drug-report-2022.html>
- Valente, H. (2024a). *Beyond the Beat: The drug checking service at boom festival – A mixed methods evaluation of harm reduction strategies and user experiences* [Tese de Doutoramento]. Porto: Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/160252>.
- Valente, H. et al. (2024b). Responsibility, care and trust among people using drug checking services at a music festival. *Contemporary Drug Problems*, 51(3). <https://doi.org/10.1177/00914509241255311>
- Valente, H. et al. (2022a). A longitudinal study of behavioural outcomes following a visit to the Boom Festival 2018 drug checking service: Individual and group level results. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 30(4), 373-382. <https://doi.org/10.1080/09687637.2022.2072187>
- Valente, H. et al. (2022b). Drug use patterns, harm reduction strategies and use of drug checking services in boom festival patrons. *Drugs, Habits and Social Policy*, 23(3), 232-243. <https://doi.org/10.1108/DHS-01-2022-0004>
- Valente, H. et al. (2021). Drug checking em Portugal: Do proibicionismo às políticas baseadas na evidência. In F. R. Beserra (Ed.), *Redução de Danos em Contexto de Festas*. Curitiba: Editora CVR.
- Valente, H. et al. (2019). Evaluation of a drug checking service at a large-scale electronic music festival in Portugal. *International Journal of Drug Policy*, 73, 88-95. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2019.07.007>
- Valente, H., Vale Pires, C. & Carvalho, H. (2018). Nightlife as an educational setting: The harm reduction perspective. In A. Eldridge & J. Nofre (Eds.), *Exploring Nightlife: Space, society and governance*. Londres: Rowman and Littlefield.
- Van Havere, T. et al. (2015). 'Keep an eye on your friends, even when you don't know them': Drug use and harm reduction in the Goa trance scene in Belgium. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 22(3), 239-247. <https://doi.org/10.3109/09687637.2014.899985>
- Wark, C. & Galliher, J. F. (2010). Timothy Leary, Richard Alpert (Ram Dass) and the changing definition of psilocybin. *International Journal of Drug Policy*, 21(3), 234-239. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2009.08.004>
- Yockey, R. A. (2023). Past-year ketamine use: evidence from a United States population, 2015-2019. *Journal of Psychoactive Drugs*, 55(2), 134-140.
- Zandbergen, D. (2011). *New Edge: Technology and spirituality in the San Francisco Bay Area* [Tese de Doutoramento]. Leiden: Leiden University. https://www.dorienzandbergen.nl/wpcontent/uploads/2020/06/Dissertation_Zandbergen_updated.pdf



Empoderar. *Empower.*
Cuidar. *Care.*
Proteger. *Protect.*



Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.
Institute on Addictive Behaviours and Dependencies, P.I.

Tel: +351 211 119 000 | E-mail: icad@icad.min-saude.pt | www.icad.pt

